

O JOVEM



POE



O estranho  
crime contra  
Mary Roget



O JOVEM



POE



O estranho  
crime contra  
Mary Rogel



**CAMALEÃO**

Rio de Janeiro, 2024



Carta aos que estão lendo um romance meu pela primeira vez	vii
1. A mulher sem cabeça	1
2. À procura do assassino	13
3. Nunca saíram boas as segundas partes	24
4. À procura de Mary Roget	36
5. O mistério do cadáver	46
6. O cadáver não descansará em paz	56
7. Caso resolvido?	69
8. Novas pistas	76
9. Em busca do dedo perdido	85
10. Mensagem após a morte	94
11. Estelle Roget está viva?	104
12. Uma noite de terror	113
12+1. De volta para casa	124

# CARTA AOS QUE ESTÃO LENDO UM ROMANCE MEU PELA PRIMEIRA VEZ

**P**rezado amigo ou amiga:

*Meu nome é Edgar Allan Poe, tenho 11 anos e vivo com meus padrastos na rua Morgue, em Boston, capital de Massachusetts.*

*Minha mãe morreu há 3 anos, mas meu pai está vivo, embora eu tenha constatado isso há pouco tempo. Descobri que está estabelecido em Dublin, graças à informação de um parente distante. Ao que parece, ele nos abandonou depois da morte de minha mãe. Tenho 2 irmãos de sangue, Rosalie e William Henry. Nós três vivíamos juntos em um orfanato até que fomos adotados há dois anos e fomos parar em famílias diferentes. Por sorte, Rosalie vive com seus padrastos a apenas duas ruas da minha casa. Por sua vez, William Henry reside em Baltimore, a 642 km de Boston.*

*Meus pais adotivos têm outro filho, Robert Allan, de 16 anos. Eu não o suporto. Ele me odeia porque acha que vou ficar com o dinheiro de seus pais. Está sempre brigando comigo. Estou convencido de que quer me matar.*

*Na escola me chamam de “O Esquisito”, mas não me importo com o que os outros dizem. A quem prejuízo sendo como sou? Por um acaso não somos todos um pouco esquisitos? Quem é que não tem alguma mania? Não são piores os que dizem ser normais mas sempre perturbam os outros? Acho que ser esquisito significa ser único. E isso, mais do que um defeito, me parece uma virtude.*

*Adoro fazer formas geométricas com tudo: com o purê de batatas faço quadrados; com as pedrinhas do jardim faço triângulos; e nas superfícies empoeiradas desenho círculos com a ponta do meu dedo indicador. Não suporto que os objetos que estão colocados um ao lado do outro se encostem. Por exemplo, talheres ou giz de cera. Quando vou dormir, antes de fechar os olhos, tenho que contar até 13. Além disso, sou um pouquinho supersticioso. Sempre que vou a algum lugar no qual não havia estado antes, preciso formar um círculo caminhando. Pelas manhãs, sempre saio da cama pisando no chão do meu quarto com o pé direito. Quando erro, fico na cama o dia todo, mesmo que tenha que inventar que estou doente, pois, caso contrário, meus pais adotivos não permitiriam! Durante as noites de tormenta, sempre me asseguro de dormir com a barriga*

*coberta e a janela bem fechada. Faço isso desde que li que os fantasmas podem roubar seu umbigo e devorar você sem piedade.*

*Outro motivo pelo qual me rotulam de esquisito é que meu padrasto é dono de uma funerária, um lugar que, certamente, visito com frequência: sempre que se irrita comigo, ele me manda lá para varrer. Isso fez com que, além de tornar-me especialista em limpar o chão, eu já tenha visto centenas de mortos. Para ser preciso, 460 cadáveres até hoje. No início, eles me davam um pouco de medo e calafrios, mas agora só me causam uma respeitosa indiferença. Às vezes, quando termino de varrer, tiro um cochilo dentro de algum caixão vazio, e agradeço aos defuntos por não contarem nada ao meu pai adotivo. É uma das vantagens de viver entre os mortos: eles não incomodam ninguém. Usando a vassoura, adoro fazer pequenos círculos com a sujeira e imaginar que o pó se transforma em enormes besouros, baratas ou aranhas que rastejam pelas paredes. São tão repugnantes que até os cadáveres ressuscitam ao vê-los.*

*Por uma imposição de meu padrasto, um homem muito pragmático, sempre me visto com roupas pretas. Assim, as manchas e o desgaste das minhas roupas não são muito notados, e minha madrasta tem menos trabalho comigo. Atualmente, esta é a lista de roupas que tenho (também adoro fazer listas!).*

## MINHAS ROUPAS

- 6 camisas pretas
- 3 suéteres pretos de gola alta
- 1 colete preto
- 2 agasalhos pretos
- 2 pares de sapatos pretos
- 3 cuecas pretas
- 6 camisetas pretas
- 3 camisões de dormir pretos



Acho que usar preto também não me ajuda a ser visto como um jovem normal; mas não me importo, porque é minha cor preferida. Assim como a escuridão e a noite. Adoro mergulhar no breu. Quando fecho os olhos, posso fazer tudo o que quiser: desde imaginar que posso voar até enfrentar um exército de bisões. Acontece a mesma coisa quando escrevo. Posso inventar mundos irreais, criar personagens maravilhosos ou até mesmo torturar meu “meio-irmão” Robert Allan. Por isso, quando for mais velho, quero ser escritor. E, o melhor de tudo, com a imaginação consigo ver, sempre que quiser, minha falecida mãe. Ela chega perto de mim e nos abraçamos.



*Uma vez, na aula de artes, me pediram para desenhar um prato de sopa, e eu fiz um retângulo preto mais ou menos assim:*



*Disse ao professor que ali dentro eu conseguia ver perfeitamente um prato de sopa. Pedi a ele que usasse a imaginação, mas, como a maioria dos adultos, continuou não enxergando o prato.*

*Então, concretizei mais o desenho:*



*Fiz um círculo, e assim consegui que, pelo menos, ele imaginasse o prato. Ainda assim, tirei uma nota baixa, porque não houve maneira de fazer com que visse a sopa.*

*Tenho um amuleto que, devo reconhecer, não é muito “normal”: o olho de um morto, que guardo em um frasquinho com formol. Roubei-o há muito tempo da funerária do meu padrasto e sempre o levo em meu bolso. Além disso, ele me serve como uma arma secreta de defesa. Se alguém me*

*incomoda, eu aproximo o olho e, em 99% dos casos, consigo que me deixem em paz.*

*Também tenho um animal de estimação muito especial, um corvo que batizei de Neverland. É a única palavra que sabe pronunciar! Ele a repete constantemente, por isso, não foi muito difícil decidir seu nome. Vive no beiral do telhado da nossa casa, e no inverno, quando faz muito frio, deixo que durma no sótão, onde guardamos os móveis velhos. Às vezes ele me segue aos lugares aonde vou, como se quisesse me proteger lá do céu. Quando me acompanha até a escola, costumo lhe pedir que se mantenha a uma distância prudente, para que ninguém saiba que ele e eu somos amigos. Minha irmã mais nova, Rosalie, é uma das poucas pessoas que o conhece. Meu padrasto e meu meio-irmão, é claro, nem sabem de sua existência, pois, caso ficassem sabendo, tenho certeza de que o depenariam e fariam pica-dinho dele, sem pensar duas vezes.*

*Além de ir à escola, eu me dedico a vender sustos. Sim, vendo sustos, esses de assustar. Em troca de uma pequena quantia em dinheiro, meus clientes podem escolher um dentre os muitos que lhes ofereço. E para que servem? Muito fácil. Para amedrontar a pessoa que o cliente mais deteste. Inclusive, fiz um catálogo onde explico, passo a passo, como realizá-los. Vendo desde sustos para intimidar pais cruéis ou irmãos mais velhos aproveitadores até sustos para se vingar de professores injustos ou de tutores impiedosos.*

*Meu sonho é juntar o dinheiro necessário para que meus irmãos verdadeiros e eu possamos ir buscar nosso pai em*

*Dublin, na Irlanda. Com os sustos, já economizei bastante dinheiro e sei que agora vou poder ganhar muito mais. Auguste Dupin, o famoso detetive da Polícia de Boston, me pediu ajuda para resolver um caso, o de duas mulheres que apareceram assassinadas na rua Morgue. Graças à minha colaboração, encontraram o assassino. Em troca, recebi uma generosa recompensa.*

*Espero poder ajudar o detetive em outros casos! Bem, a verdade é que já fiz isso...*

*Sem mais delongas, apresento aqui meu segundo relato, uma aventura que ocorreu um mês depois de Dupin e eu termos resolvido “O mistério da rua Morgue”.*

*Espero que você se divirta.*

*Muito obrigado e cordiais saudações.*

*Edgar Allan Poe*

AMOSTRA



## A MULHER SEM CABEÇA

**Q**uando Robert Allan abriu os olhos, soltou um grito aterrador. E não era para menos. Estava em sua cama e o que acabara de ver lhe paralisou até a alma. Aos pés da cama, uma mulher sem cabeça. Era possível ver perfeitamente o corte limpo que lhe haviam feito na garganta. Uma quantidade horrível de sangue jorrava do pescoço e tingira de vermelho a camisola branca que vestia. Apesar de não ter cabeça, o corpo movimentava os braços sem parar. Para cima e para baixo. Para baixo e para cima. Em todos os seus 16 anos, sem dúvida alguma, era o maior susto que Robert Allan havia levado em sua vida. E como se o espetáculo não fosse suficientemente dantesco, um corvo preto como carvão entrou pela janela, pousou sobre o pescoço ensanguentado, sem cabeça, e começou a

grasnar de forma desesperada. Agora, parecia que o corpo da mulher tinha cabeça de corvo!

A mulher degolada deu 3 voltas sobre si mesma e logo se afastou, enquanto Robert continuava sem reação, e o corvo saía apressado pela janela.

Robert Allan, ainda aturdido, fazia a si mesmo todo tipo de perguntas: Quem era aquela mulher? O que fazia em frente à sua cama? Quem a havia decapitado? Como era possível que, mesmo sem cabeça, estivesse viva?

Escondido atrás da porta de seu quarto, eu rachava o bico. Minha irmã e eu estávamos testando o novo susto que eu havia idealizado: o susto da mulher sem cabeça. Rosalie havia se oferecido para levar a camisola. E, obviamente, Neverland, meu querido corvo, havia seguido minhas instruções: tinha que pousar sobre a gola da camisola e permanecer ali, por alguns instantes, olhando fixamente para Robert Allan.



Era o susto número 18 do meu catálogo de sustos, e eu havia decidido pô-lo em prática com o imprestável do meu meio-irmão, aproveitando que meus padrastos não estavam em casa. Eles haviam saído para visitar uns parentes distantes que viviam nas redondezas de Boston. Como não tínhamos aulas naquele dia, Robert Allan, que é um dorminhoco de carteirinha, havia ficado na cama.

Susto número 18:

## A MULHER SEM CABEÇA

### *Ingredientes necessários*

- 1 camisola branca feminina
- 1 lenço de seda (ou pano) vermelho
- Agulha, linha e tesoura
- Molho de tomate (ou uma lata de tinta vermelha)



### *Modo de preparo*

- 1) Cobrir a abertura da gola de uma camisa-grande com um lenço vermelho franzi-do, de forma que pareça que o sangue está jorrando.
- 2) Costurar o pano vermelho nos extremos da gola da camisola, para fixá-lo.
- 3) Ao redor da gola, pintar o tecido com tinta vermelha ou besuntar com molho de tomate.
- 4) A pessoa que fizer o papel da decapitada veste a camisola de modo que a cabeça fique escondida dentro dela. Previamente, usando a tesoura, fazer dois buracos pequenos na altura dos olhos, para que a pessoa consiga ver por dentro da camisola.



Meu meio-irmão estava de volta em casa depois de ter sido expulso, por mau comportamento, do colégio militar onde estudava e morava como interno. Parecia que o lema de sua vida era atormentar os outros, especialmente eu. Durante um ano, no mínimo, ficaria estudando em Boston, e para minha infelicidade, seu quarto era ao lado do meu.

Entretanto, eu tinha meus próprios planos para ele. Para começar, decidi transformá-lo em cobaia para meus próximos sustos. O da mulher sem cabeça estava mais do que aprovado; funcionava com perfeição.

Sem eu perceber, escapou-me um espirro, mas, por sorte, tive tempo de tapar a boca e o nariz, bem na hora, para não fazer tanto barulho. Se Robert Allan tivesse ouvido, sem dúvidas teria me reconhecido. Eu estava com um resfriado fazia 3 dias. Já havia melhorado um pouco, mas no dia anterior, tinha espirrado setenta e oito vezes.

Depois de guardar a camisola “ensanguentada” no fundo do guarda-roupa, Rosalie e eu saímos da casa correndo antes que meu meio-irmão nos descobrisse e viesse atrás da gente. Havíamos percorrido meio quarteirão quando demos de frente com a Sra. Grandeur. Rosalie sussurrou para que eu mostrasse o olho, mas já era tarde demais. Não tivemos tempo de fugir dela. Além de ser mais feia do que um pesadelo, é a primeira do bairro a ficar sabendo de tudo. Muitos a conhecem como “A Fofoqueira”, porque é muito mexeriqueira. Quando começa a falar, ninguém consegue interrompê-la.